

16/10/2008

Crise Global: Pernambuco na mira?

Mauro Ferreira Lima*
mfl315@uol.com.br

O abalo de mais de 7 graus que atingiu o mercado financeiro das economias mais industrializadas do mundo, com epicentro no Estados Unidos, parece que vai continuar sendo tratado como algo inusitado para o que não se tem controle nem pleno entendimento. Conhecem-se suas linhas gerais mais visíveis como as que identificam no crédito generoso e financiamentos “subprime” (de alto risco) como a fonte de quase todos os problemas que vieram à tona nestes últimos 15 dias.

Pouco, ou nada, se fala sobre “regulação” das relações intra-agentes dos mercado de capitais de cada um dos países mais vitimados pela onda sísmica especulativo-financeira que o mundo assiste perplexo, embora estivesse ciente de que uma enorme bolha especulativa estava se formando há 10 anos na economia americana. A crise esta anunciada! , foi antevista por especialistas de visão crítica global, gente como o mais recente Prêmio Nobel de Economia, Paul Krugman, crítico feroz do chamado neo-liberalismo da pós-Guerra Fria. Ele sempre deixou claro que aconteceria um cataclisma financeiro mundial provocado por bolhas especulativas oriundas de financiamentos multiplicados para multidões de consumidores potencialmente inadimplentes.

Apesar do “espetaculoso” aporte de 2,25 trilhões de dólares para combater os efeitos desta crise, aportados pelos Estados Unidos , pelos países da zona do euro (União Européia) além do Japão e mais alguns outros com contribuições de porte menos contundente, como Austrália e Islândia, seus efeitos não cedem com consistência. Continuam os sobressaltos de “ora vai tudo bem, ora tudo despenca” Parodiando o presidente Lula, nunca na história do capitalismo se viu tamanha disponibilidade de recursos para contornar uma crise.

A pergunta pertinente é: vai resolver? A resposta é: não se tem certeza!

Como no recente terremoto de maio no sudoeste da China, na província de Sichuan, onde vivem quase 11 milhões de pessoas, tudo começou com um tremor que atingiu 7,8 graus na escala Richter. À este, se seguiram, por vários dias, mais 13 outros de menor porte que continuaram dizimando a região, inclusive sua capital Chengdu ,com 4,8 milhões de habitantes.

Com esta crise financeira, parece se vivenciar no plano econômico uma situação semelhante. Só que, na geografia, o fenômeno foi natural. Mas... na economia global, foi provocado! Vivencia-se um grande abalo financeiro seguido de uma sucessão de outros de me nor porte que não param de ocorrer. Apesar da garantia de socorro que se delineou nas reuniões extraordinárias do último final de semana do G7 (recheada de intenções) e dos 15 países da Zona do euro (com propostas mais concretas) além das ações de SOS patrocinadas pelo Reino Unido e Japão e dos aportes de mas cinco países afetados em menor grau, ... a crise não se dissipa. Continua preocupante.

Uma característica que se sobressai neste “horror econômico” como chamou Viviane Forrester no seu livro com este mesmo título (Unesp,1997), é a abosulta improvisação para lidar com seus efeitos. Não existindo uma “manual” para lidar com crises semelhantes , cada país improvisa a seu modo. O resultado está aí para se ver! Sem coordenação, sem sistemática , sem consolidação de ações e sem definição do “rôle” de cada um dos agentes envolvidos, todos se tornam vítimas e, ao mesmo tempo, protagonistas de soluções mágicas a cada dia que passa.

Ora se abre a “banca” e se diz que se fará um chamamento das vítimas , noutra ora se parte para subscrição de ações; em mais outra ora, se parte para selecionar quem mais vai precisar do quê! E a confusão vai se estabelecendo como se tem visto nestes t rês últimos dias, pós- reuniões do final de semana.

As bolsas continuam instáveis, e a insegurança continua pairando sobre os mercados mais influentes. O Brasil segue atrás. Embora ,sem grandes riscos de padecer demais, vai carregando sua cruz e torrando já quase 4 bilhões de dólares de suas reservas. Seu PIB encolheu com o dólar flutuando acima de dois reais, fechando

em R\$ 2,16 nesta quarta-feira. Verificou-se uma má desvalorização do real de 35% nos últimos 40 dias. A tendência, natural, é que haja uma estabilização em torno de R\$1,80. Será bom para as exportações e ruim para os importadores. Mas o fato é que, não se terá mais aportes de dólares como se tinha. O patamar será este.

Mas ...e aí? Como ficaremos, ... nós de Pernambuco?... Deixemos para amanhã. Sem pretensões de bola de cristal e para estimular o debate, faremos uma avaliação do que "tende" a acontecer em cada um dos 10 pólos mais dinâmicos da economia local, de SUAPE ao turismo, passando pelo Vale do S. Francisco, pela indústria sucroalcooleira, pelo pólo de confecções do Agreste, produção de softwares e demais centros dinâmicos da economia do Estado. Veremos.

*Docente UPE



Crise Global: Pernambuco na mira? - Mauro Ferreira Lima